



Fernando Pessoa em contexto digital: Apresentação

Diego Giménez^(a)

^a Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e Universidade Estadual de Londrina
– dgimenezdm@gmail.com

A primeira década dos anos 2000 foi decisiva para a presença online e a representação digital de Fernando Pessoa de forma institucional. De 2008 datam os sítios web “Espólio Pessoa” (<https://purl.pt/1000/1/>), da Biblioteca Nacional de Portugal, e o “Arquivo Pessoa” (<http://arquivopessoa.net/>), de responsabilidade de Leonor Areal. Em 2009, Manuel Portela começaria a projetar o “Arquivo LdoD” (<https://ldod.uc.pt/>), cuja construção se iniciaria em 2012, seria apresentado em 2017 e concluído em 2024, com a inclusão do módulo sobre a recepção crítica da obra. De 2015 é o “Fausto Digital” (<http://www.faustodigital.com/>), do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa; e de 2017, a “Edição Digital de Fernando Pessoa” (<https://www.pessoadigital.pt/pt/index.html>), de Pedro Sepúlveda, Ulrike Henny-Krahmer e Jorge Uribe.

A conjuntura de representação digital pessoana está em consonância com a emergência das Humanidades Digitais. Embora a computação aplicada às Humanidades remonte à metade do século XX, as HD, como hoje são conhecidas, se consolidaram formalmente como uma área interdisciplinar do conhecimento apenas em 2004, no *Companion to Digital Humanities*, editado por Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, e publicado pela Blackwell Publishing.

Em 2009, Rui Torres publicou *Um Corvo Nunca Mais*, uma obra digital combinatória baseada na tradução de “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, realizada por Fernando Pessoa. Torres, seguindo o caminho dos trabalhos pioneiros de Pedro Barbosa sobre teoria e experimentação entre literatura e computação, no final da década de 1970, propõe uma leitura imersiva e interativa em um espaço simulado, onde texto, som e imagem, gerados e reconfigurados pelo código, criam uma narrativa fragmentada a partir da tradução citada.

No artigo “O Que Nos Ensinam os Novos Meios Sobre o Livro no *Livro do Desassossego*”, publicado em 2014 na revista *Matlit*, Osvaldo Silvestre descreve de forma perspicaz o percurso editorial de Pessoa, que passa pelo descobrimento da arca, pela catalogação arquivística e culmina na representação digital. De forma paralela, pode-se estabelecer, sumariamente, um percurso exegético pessoano dividido em fases: uma fase pré-estruturalista, centrada maiormente em questões heteronímicas; uma fase estruturalista, focada na economia textual e ecdótica dos elementos que compõem a obra; e uma fase pós-estruturalista, centrada na metatextualidade e na mediação da obra. Atualmente, abre-se a possibilidade de uma leitura pós-humanista. Como argumentou Paul De Man em *Blindness and Insight*, contra o historicismo de Hugo Friedrich em *Estrutura da Lírica Moderna*, os movimentos ou períodos não se explicam sob um enquadramento hegeliano ou edípico, em que uma fase seria a

negação da anterior. Assim, podem coexistir, atualmente, aproximações nietzscheanas, heideggerianas, formalistas, estruturalistas ou deleuzianas à obra de Pessoa, por mencionar algumas. As fases indicam a relação entre contextos teóricos, formas de representação e leituras ou releituras da obra.

O debate entre unidade e pluralidade na obra de Pessoa deve ser contextualizado nesses paradigmas, onde a confiança ou a desconfiança na capacidade nomeadora da linguagem varia conforme o posicionamento epistemológico. Nos últimos anos, tem-se observado como diferentes tecnologias são capazes de gerar textos a partir de outros textos, imitando estilos. Assim, é possível questionar: como repensar a obra de Pessoa no contexto pós-humano e a partir da inteligência artificial? Em que medida os processos criativos modernistas antecipam essas tecnologias e a escrita por algoritmos?

Nesse contexto, foi organizada a chamada para este dossiê especial, “Fernando Pessoa em Contexto Digital”, que surgiu a partir de uma série de seminários online intitulados “Pessoa 3.0”, realizados entre o final de 2023 e o início de 2024 e organizados pelo Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Os encontros abordaram tópicos que fogem aos tradicionalmente investigados nos estudos pessoanos. Por exemplo, a representação digital dos textos do escritor tem facilitado o acesso a um acervo diverso e, ao mesmo tempo, possibilitado a leitura da sua obra sob novos paradigmas interpretativos. A especificidade da obra de Pessoa levanta uma série de problemas técnicos — muitas vezes de difícil representação, como a diversidade, a fragmentação e a heteronímia —, enquanto os conceitos de arquivo e digital podem ajudar a repensar o seu legado.

O primeiro artigo deste dossiê, de autoria de Daniela Cortês Maduro, intitulado “A noção de acesso aberto e arquivo segundo o arquivo digital

colaborativo do *Livro do Desassossego* e o arquivo digital da Po.Ex - Poesia Experimental Portuguesa”, aborda a política de acesso aberto em Portugal, tomando como base dois arquivos digitais: o “Arquivo LdoD” e o “Arquivo Digital da Po.Ex - Poesia Experimental Portuguesa”. Para a autora, ambos os arquivos extrapolam o conceito tradicional de arquivo, apelando para um uso não convencional do seu conteúdo. Nestes casos, a política de acesso aberto não se limita à livre difusão do conhecimento, mas reflete também sobre o modo como a informação é armazenada, editada, difundida e recebida.

O segundo texto do dossiê, de Ricardo Augusto de Lima, intitulado “Fernando Pessoa: a vida como fingimento, a palavra como performance”, aproxima as noções de heteronímia e performance ao propor uma chave de leitura que interpreta a poética pessoana como precursora de uma prática de performatividade no âmbito da poesia, anterior ao seu desenvolvimento no teatro. A análise demonstra como a poética pessoana ultrapassa a teatralidade presente na lírica portuguesa desde a Idade Média.

Em seguida, “A Comunicação Poética na Era Digital: Pessoa e a Literatura Eletrónica”, de Rui Torres, explora as interseções entre a obra poética de Fernando Pessoa e a literatura eletrónica e enfatiza o papel da tecnologia na reimaginação do seu legado literário. O texto incide sobre a prática de integrar diversas tecnologias na criação poética, desde o multimédia e a interatividade até aos diálogos com a inteligência artificial. Para o autor, a obra de Pessoa é apresentada como proto-digital, variada e modular, alinhando-se às práticas da literatura eletrónica ao explorar a fragmentação da identidade e a multiplicidade de vozes. Rui Torres argumenta que a literatura eletrónica oferece novas perspetivas e métodos didáticos para entender a obra de Pessoa, promovendo formas inovadoras de releitura crítica.

O quarto contributo, de autoria de Ana Marques Silva, intitulado “Escrita por algoritmos: pode um avião voar?”, toma como referência a poesia de Fernando Pessoa e seus heterónimos para refletir sobre a automação da linguagem e suas relações com a criação poética. O texto estabelece, primeiramente, um contexto para pensar a escrita de poesia e a geração automática de texto. Em seguida, considera a pertinência da mimese na automação da produção simbólica, em oposição à ideia de um “algoritmo literário”.

Na sequência, Taynnã de Camargo Santos, no texto “Intermedialidade em *O Ídolo* (2021), de Pedro Varela, inspirado num argumento para cinema de Fernando Pessoa”, oferece uma análise do curta-metragem mencionada. A análise é conduzida sob a perspectiva dos estudos de intermedialidade propostos por Rajewsky (2012) e Clüver (1997; 2011). O autor propõe três possíveis camadas de análise: a relação contraditória de Pessoa com o cinema, a tradição editorial que divulgou os argumentos fílmicos do autor — todos inéditos em vida —, e a exploração da imagem de Pessoa para fins comerciais. Assim, a multifacetada obra pessoana, combinada com o seu uso póstumo em campanhas publicitárias, oferece um vasto campo para releituras e transposições, amplificadas pela intermedialidade dos meios digitais.

Finalmente, Mark Amerika, em “From The Heteronymic Potential of Mark Amerika”, apresenta um texto de criação literária composto por uma amostra de dez livros experimentais criados a partir de pequenas alterações em textos gerados por diferentes programas GPT. A obra foi produzida ajustando o GPT com base em uma seleção específica de livros, incluindo *O Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, *Água Viva*, de Clarice Lispector, e dois livros do próprio autor (*My Life as an Artificial Creative Intelligence* e *Everyone Has Their Price*).

Arquivos digitais, inteligência artificial, performance e literatura eletrônica tornam-se motivos para repensar a obra de Fernando Pessoa e para refletir sobre a contemporaneidade a partir do autor. Segundo Manuel Portela, em *Literary Simulation and the Digital Humanities*, podemos ler toda a obra de Pessoa como uma demonstração da performatividade do sujeito, residindo o fascínio de sua escrita em testemunhar a emergência de sujeitos por meio de uma determinada performance da palavra. Este dossiê convidou a pensar e repensar essa performance da palavra no contexto contemporâneo. Em *Enumerations* (2018), Andrew Piper afirma que “quando bem executado e de forma aberta, mediar o conhecimento através da modelação computacional não é nem um confinamento do saber nem um ato de desumanização. No seu melhor, pode ser entendido como uma prática de espelhamento, em que mostramos a nós próprios os passos cognitivos que estamos a dar para chegar a um argumento sobre literatura, algo que Walter Benjamin poderia ter chamado de uma consciência do ‘inconsciente lexical’ de um texto” (p. 11). Espera-se que este dossiê contribua para esse espelhamento da subjetividade no ato de construção do conhecimento.

Explorando Fronteiras Digitais: Intersecções entre Linguagem, Cultura e Tecnologia

Isabela Melim Borges^(b)

b Editora-chefe, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil–isamelim74@gmail.com

Apresentamos ainda nesta edição da *Revista Texto Digital*, um apanhado de artigos dedicados às diversas facetas das intersecções entre a linguagem, a cultura e a tecnologia. Vivemos em uma era em que o digital não é apenas um suporte, mas um espaço de criação, interação e reflexão. Os artigos

reunidos aqui refletem a riqueza e a complexidade dessas relações, abordando temas que variam da poesia e literatura à educação e às redes sociais, sempre com o olhar atento às transformações trazidas pela era digital.

Temos o artigo de Ana Paula Nunes de Sousa, que explora a pluralidade estética da poesia de Teófilo Dias. Utilizando a ferramenta computacional *Aoidos* para realizar análises métricas e estilísticas, a autora revela como a obra do poeta maranhense acumula influências do Romantismo, Realismo e Parnasianismo, desafiando as leituras críticas tradicionais que o enquadram exclusivamente como introdutor do Parnasianismo no Brasil. A pesquisa combina métodos qualitativos e quantitativos para demonstrar que a obra de Teófilo é, na verdade, uma síntese de múltiplas poéticas.

Na sequência, Cristina Mesquita e Roberta Varginha Ramos Caiado nos convidam a um mergulho no universo digital da poesia visual de Clarice Freire, popular no Instagram pelo perfil @claricefreire. As autoras, a partir de uma perspectiva dialógica, analisam como os elementos visuais e escritos se articulam para criar significados, reforçando o caráter multimodal e interativo da poesia contemporânea nas redes sociais. Este estudo nos faz refletir sobre as práticas discursivas emergentes no ciberespaço e sua relação com o cotidiano.

Ainda no diálogo entre linguagens digitais e impressas, o artigo de Bianca Francischini Lisita examina as interações entre sistemas culturais a partir de diferentes mídias: livros impressos, livros digitais e jogos eletrônicos. Com base na Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar e nas reflexões de Régis Debray, a autora discute as dinâmicas entre texto, suporte e recepção, explorando como os médiums influenciam a experiência do leitor e ressignificam o conteúdo.

Na esfera educacional, Francisco Wellington Borges Gomes e Francisco Renato Lima realizam uma revisão bibliográfica sobre o uso do

webdocumentário em contextos escolares. O estudo evidencia como este gênero digital, com sua abordagem multimodal e interativa, se torna uma ferramenta didático-pedagógica poderosa. Os autores destacam o potencial do webdocumentário em promover reflexões críticas, principalmente em temas sociais, engajando aprendizes de maneira inovadora e significativa.

A crítica à influência das tecnologias digitais nas relações humanas ganha força no artigo de Maria Talita Rabelo Pinheiro e Nerivaldo Alves Araújo, que analisam a obra *Kentukis*, de Samanta Schweblin. Explorando o limiar entre o real e o virtual, os autores refletem sobre questões éticas, psicológicas e existenciais relacionadas à conectividade contemporânea. O texto propõe uma discussão profunda sobre como a tecnologia reconfigura as interações humanas e nos convida a questionar a fronteira entre distopia e realidade.

Encerrando esta edição, Fábio Soares da Costa e Clarissa Sousa Nunes Nascimento investigam como os universitários constroem identidades corporais e subjetividades no Instagram. O artigo apresenta uma análise detalhada de como os discursos sobre corpo, saúde e estilo de vida ativo são performados e consumidos no espaço digital, revelando o impacto das redes sociais na construção de modelos ideais e na interação entre indivíduos e públicos.

Esta edição da Revista Texto Digital reafirma o compromisso da publicação em explorar temas que dialogam com os desafios e as possibilidades da digitalidade, tanto no âmbito teórico quanto prático. Esperamos que os textos aqui apresentados inspirem novas pesquisas e reflexões, enriquecendo o debate sobre a complexa relação entre linguagem, cultura e tecnologia na contemporaneidade.

Boa leitura!